

Três pessoas com segredos perturbadores.
Um assassino sem nada a perder.

KARIN SLAUGHTER

30 milhões de livros vendidos

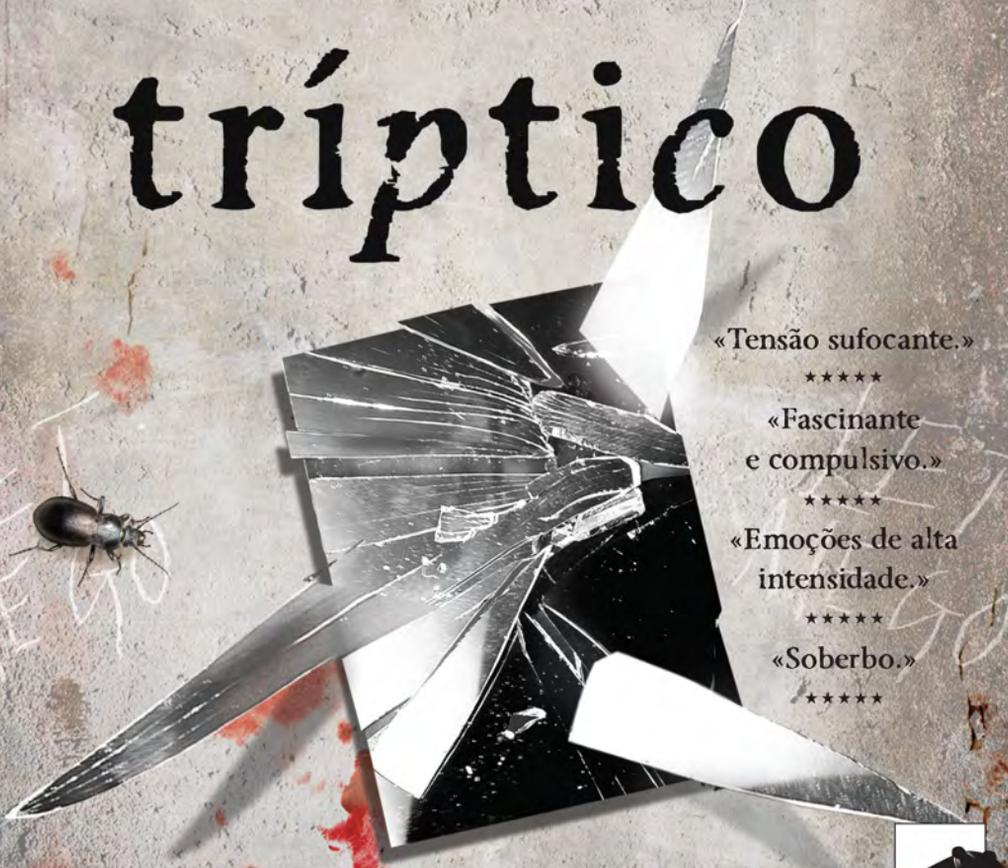
tríptico

«Tensão sufocante.»

«Fascinante
e compulsivo.»

«Emoções de alta
intensidade.»

«Soberbo.»



Tradução de Pedro Garcia Rosado



TOPSELLER

PARTE I

17 de junho de 1985

ADOLESCENTE DE DECATUR ASSASSINADA

Mary Alice Finney, de 15 anos, foi encontrada morta ontem de manhã pelos seus próprios pais em sua casa, na Rua Adams. A Polícia não divulgou ainda pormenores além da informação de que a ocorrência é considerada um homicídio e de que estão a ser interrogadas as pessoas que foram vistas pela última vez com Mary Alice. Paul Finney, o pai da jovem e procurador-adjunto do condado de DeKalb, afirmou, numa declaração divulgada ontem à noite, que confia totalmente que a Polícia entregará à justiça o assassino da sua filha. Estudante do quadro de honra da Escola Secundária de Decatur, Mary Alice participava ativamente no grupo das chefes de claque e acabara de ser eleita presidente da Associação de Estudantes do 11.º ano. Fontes próximas dos investigadores confirmaram que o corpo da rapariga foi mutilado.

UM

5 de fevereiro de 2006

O detetive Michael Ormwood percorreu a Avenida DeKalb a ouvir o relato do jogo de futebol americano, a caminho do bairro social de Grady. Quanto mais se aproximava dos prédios, maior era a tensão que sentia e, ao voltar à direita, chegando finalmente ao que a maioria dos políciais considerava uma zona de guerra, já sentia o corpo todo a vibrar. Enquanto a Agência de Atlanta para o Alojamento se ia lentamente autodevorando, as comunidades subsidiadas, como era o caso de Grady, tornavam-se coisas do passado. As propriedades urbanas eram cada vez mais valiosas e o potencial de lucro era muito elevado. A avenida conduzia à cidade de Decatur, com os seus restaurantes da moda e casas que valiam um milhão de dólares. No sentido oposto, a pouco mais de quilómetro e meio, ficava a cúpula dourada do Capitólio do estado da Geórgia. Grady era o que pior podia acontecer entre as duas zonas e, ao mesmo tempo, uma chamada de atenção permanente para o facto de a cidade que já não tinha tempo para odiar também já não ter tempo para se ocupar dos seus habitantes.

Com o jogo a decorrer, as ruas encontravam-se praticamente desertas. Os *dealers* e os chulos tinham metido folga nessa noite para assistirem ao mais raro dos milagres: os Atlanta Falcons a jogarem o Super Bowl. Sendo uma noite de domingo, as prostitutas ainda iam tentando fazer pela vida e dar aos fiéis que iam à igreja algo que pudessem confessar na semana seguinte. Algumas das raparigas acenaram a Michael ao verem-no passar e ele respondeu ao cumprimento, pensando na quantidade de carros da Polícia não identificados que deviam andar pela área a meio da noite, com os agentes

a avisarem a Central de que iam fazer um intervalo de dez minutos para depois as chamarem, para um breve momento de diversão.

O prédio número nove ficava nas traseiras do bairro e a construção de tijolo vermelho já fora marcada pelos Ratz, um dos novos gangues que se haviam mudado para Grady. Quatro carros-patrolha e um quinto veículo não identificado já se encontravam parados à porta, com as luzes a girar e os rádios a fazerem barulho. No estacionamento reservado aos residentes viam-se um *BMW* preto e um *Lincoln Navigator*, cheio de mariquices e com as jantes estreitas de liga leve a emitirem reflexos dourados à luz dos candeeiros da rua. Michael resistiu à vontade súbita de desviar ligeiramente o seu próprio carro para raspar parte da pintura do SUV, que devia custar uns 70 mil dólares. Irritavam-no os carros de luxo dos traficantes. No mês anterior, o filho crescera mais de dez centímetros e as calças de ganga já não lhe serviam, mas a roupa nova de que ele precisava teria de esperar pelo fim do mês. Tim parecia andar agora de calças arregaçadas enquanto os impostos que o pai pagava ajudavam os malandrins a ter a renda da casa em dia.

Em vez de sair do carro, Michael ficou à espera, a ouvir mais alguns segundos do relato e a gozar um pouco de tranquilidade antes de o mundo se voltar do avesso. Fazia parte da Polícia há quase quinze anos, vindo diretamente do Exército sem perceber que, além do corte de cabelo, pouco mais diferenciava uma coisa da outra. Já sabia que, mal saísse do carro, começaria a andar tudo à velocidade de um relógio cuja corda tivesse ficado demasiado apertada. As noites sem dormir, as pistas sem fim que nunca serviam para nada e os chefes a espreitarem por cima do ombro. E a imprensa que depois também se juntaria à festa. Com isso passaria a ter câmaras de televisão e máquinas fotográficas apontadas à cara de cada vez que saísse da esquadra, com as pessoas a perguntarem-lhe porque não se resolvia o caso, e com o filho a ver tudo nas notícias e a perguntar ao pai porque é que as pessoas andavam tão zangadas com ele.

Collier, um polícia de giro ainda novo, de bíceps tão musculados que nem conseguia estender por completo os braços ao longo do corpo, bateu-lhe na janela, a gesticular, indicando a Michael que devia baixar o vidro. Collier fez um gesto circular com a mão enorme apesar de, muito provavelmente, nunca ter andado num carro que não tivesse vidros elétricos.

Michael premiu o botão e, com o vidro já a descer, perguntou-lhe:

— Sim?

— Quem é que está a ganhar?

— Não é Atlanta — respondeu Michael, e Collier acenou afirmativamente com a cabeça como se já estivesse à espera das notícias. A visita anterior de Atlanta ao Super Bowl já fora há vários anos. Nessa altura, Denver esmagara-os por 34-19.

— Como vai o Ken? — perguntou Collier.

— Continua a ser o Ken — respondeu Michael, sem dar mais pormenores sobre a saúde do seu colega.

— Ele era bom para isto. — O agente acenou com a cabeça para o prédio. — A cena está muito feia.

Michael não se pronunciou. O rapaz devia ter pouco mais de vinte anos e possivelmente ainda viveria na cave da casa da mãe, acreditando que se tornara um homem só por pôr uma arma à cintura todos os dias. Michael conhecera vários Colliers no deserto iraquiano quando o primeiro dos Bush decidira avançar. Pareciam todos cachorrinhos ansiosos, com o mesmo brilho nos olhos que revelava que não se tinham alistado só para terem três refeições completas por dia e educação gratuita. Eram obcecados pelo dever e pela honra bem como por toda a porcaria que viam na televisão e que lhes havia sido fornecida pelos recrutadores, que os iam apanhar às escolas secundárias como se fossem cerejas maduras. Haviam-lhes prometido formação técnica e tarefas em bases perto de casa e tudo o mais que os fizesse assinar na linha pontilhada. Mas a maioria acabou por ser enviada nos primeiros aviões de transporte para o deserto, para serem alvejados antes de terem tempo de porem os capacetes.

Ted Greer apareceu à porta do prédio, a alargar o nó da gravata como se precisasse de mais ar. Para um negro, o tenente conseguia mostrar-se macilento por passar muito tempo à secretária, debaixo das luzes fluorescentes, a fazer tempo para a reforma.

Ao ver Michael ainda dentro do carro, fez-lhe um sorriso trocista e perguntou-lhe:

— Trabalhas esta noite ou vieste ver a paisagem?

Michael demorou-se um pouco mais mais a sair do carro, retirando a chave da ignição no momento em que já se ouvia o comentário do meio do jogo. Era uma noite quente para o mês de fevereiro

e as unidades de ar condicionado que as pessoas tinham posto nas janelas pareciam abelhas a zumbir à volta de uma colmeia.

Greer voltou-se para Collier, admoestando-o:

— E tu, não tens nada para fazer?

Collier teve o bom senso de se afastar, com o queixo encostado ao peito como se tivesse levado um murro no nariz.

— É uma confusão do caraças — disse Greer a Michael. Puxou de um lenço e limpou o suor da testa. — Foi um qualquer tarado pervertido que a atacou.

Fora o que Michael ouvira ao atender a chamada que o arrancara do sofá da sala.

— Onde é que é? — perguntou.

— No sexto andar. — Greer dobrou o lenço até lhe devolver a forma quadrada e meteu-o no bolso. — Identificámos aquele telefone como a origem da chamada para o 911. — Apontou para o outro lado da rua.

Michael olhou para a cabina telefónica, que era uma relíquia do passado. Toda a gente usava agora telemóveis, em especial os *dealers* e os traficantes.

— Foi uma voz de mulher — continuou Greer. — Amanhã já vamos ter a gravação.

— Quanto tempo é que demoraram a chegar aqui?

— Trinta e dois minutos — respondeu Greer, e para Michael foi uma surpresa não terem demorado mais. De acordo com uma investigação feita por jornalistas locais, a resposta da Polícia aos telefonemas de Grady para o número de emergência durava uma média de quarenta e cinco minutos. As ambulâncias demoravam ainda mais.

Greer voltou-se para o prédio, como se o edifício o pudesse absolver da demora.

— Vamos ter de pedir ajuda neste caso — disse.

Michael sentiu o cabelo a eriçar-se na nuca ao ouvir a sugestão. Estatisticamente, Atlanta era uma das cidades mais violentas da América. E uma prostituta morta não era um acontecimento de dimensões sísmicas que fizesse estremecer o mundo, atendendo até ao local onde fora encontrada.

— Aquilo de que mais necessito é ter mais idiotas a dizerem-me como é que devo trabalhar.

— Este idiota pensa que é exatamente disso que tu necessitas — contrapôs o tenente. Michael sabia que era melhor não discutir, não porque Greer não tolerasse a insubordinação mas porque ele concordaria com Michael só para o calar, e depois virar-lhe-ia as costas e acabaria por fazer o que lhe apetecesse. — E o que está lá em cima é mesmo mauzinho.

— É tudo mauzinho — lembrou-lhe Michael, abrindo a porta de trás do carro e tirando o casaco do interior.

— A rapariga não teve hipótese — continuou Greer. — Espancada, cortada, fodida de todas as maneiras e feitios. Temos mesmo entre mãos um cabrão que é marado dos cornos.

Michael vestiu o casaco, a pensar que Greer parecia estar numa audição para a HBO.

— O Ken saiu do hospital — informou-o. — Disse para o ires visitar, a qualquer hora.

Antes de regressar ao carro, com passos apressados, Greer produziu alguns ruídos como que a dizer que ultimamente andava bastante ocupado, espreitando por cima do ombro como se receasse que Michael o seguisse. Mas Michael só esperou que o chefe entrasse no carro e se afastasse para se encaminhar para o edifício.

Collier estava à porta, com a mão na coronha da arma. Talvez se imaginasse a vigiar o local mas Michael sabia que a pessoa que cometera o crime não voltaria. Já se ocupara da mulher. Não precisava de mais nada.

— O chefe ia com pressa — disse Collier.

— Obrigado pela novidade.

Michael parou por instantes ao abrir a porta, para se preparar, deixando-se absorver pelo ambiente húmido e escuro. Os autores do projeto de Grady não tinham pensado em miúdos felizes a regressarem a casa ao encontro de copos de leite e de bolinhos acabados de fazer. A preocupação deles havia sido a segurança, reduzindo por isso ao mínimo os espaços vazios e cobrindo todas as instalações elétricas com armações de rede de aço, para proteger as lâmpadas. As paredes eram feitas de betão por pintar com janelas estreitas inseridas em cantos estreitos e a rede de segurança embebida nos vidros assemelhava-se a teias de aranha estilizadas. Superfícies em tempo pintadas de branco encontravam-se cobertas de tinta de *sprays*. Marcas de gangues, avisos e informações diversas espalhavam-se pelas

paredes. À direita da porta de entrada alguém escrevera *A Kim é puta! A Kim é puta! A Kim é puta!*

Michael espreitou para cima, seguindo com olhos os lanços de escadas e contando os seis andares, quando uma porta se abriu com um rangido. Michael voltou-se e viu uma mulher negra muito velha que o observava, com olhos da cor do carvão a espreitarem pela abertura da porta de aço.

— Polícia — disse Michael, erguendo o crachá. — Não tenha medo.

A porta abriu-se mais. A mulher tinha um avental com motivos florais por cima de uma t-shirt branca com nódoas e de calças de ganga.

— Eu não tenho medo de si, estafermo.

Michael viu quatro mulheres de idade amontoadas atrás delas, todas afro-americanas à exceção de uma. Não tinham a intenção de ajudar. Grady, como qualquer pequena comunidade, fervilhava de boatos e eram estas as bocas que alimentavam o circuito de abastecimentos. Mesmo assim, era obrigatório fazer-lhes a pergunta:

— Alguma das senhoras viu alguma coisa?

Abanaram todas as cabeças ao mesmo tempo, como se fossem cães decorativos no tablier de Grady.

— Ótimo — disse Michael, enfiando o crachá no bolso e dirigindo-se para as escadas. — Agradeço-vos por ajudarem a manter a vossa comunidade em segurança.

A mulher retorquiu, de imediato:

— Esse é o teu trabalho, cabrão.

Michael deteve-se, com o pé já no primeiro degrau, e voltou-se, olhando diretamente para ela. Ela susteve-lhe o olhar, com os olhos húmidos a saltarem de um lado para o outro como se estivessem a ler o livro da vida dele. A mulher era mais nova do que as outras e não devia ter muito mais de setenta anos mas conseguia ser mais pequena e ter o cabelo mais grisalho do que as suas companheiras. À volta da boca alastrava uma malha de rugas que pareciam teias de aranha, feitas por anos passados a fumar cigarros. Uma madeixa grisalha percorria-lhe o alto da cabeça e havia mais madeixas encarcadas à volta do queixo que pareciam tranças jamaicanas. A matiz cor de laranja do batom era do mais espantoso que ele vira até esse momento.

— Como é que a senhora se chama? — perguntou Michael.

A mulher ergueu o queixo, numa atitude de desafio, mas respondeu-lhe:

— Nora.

— Houve alguém que fez uma chamada para o 911 daquela cabina telefónica que está lá fora.

— Espero que depois tenha lavado as mãos.

Michael até sorriu.

— Conhecia-a? — perguntou.

— Toda a gente a conhecia. — O tom de voz dela indicava que havia muito mais para dizer, mas que não seria ela a falar com um imbecil de um polícia branco. Era evidente que Nora não tinha nenhum curso universitário mas Michael não dava grande valor a isso. Percebia-lhe a inteligência no olhar. A escola dela fora a rua. Ninguém que fosse estúpido conseguiria chegar a uma idade tão avançada num sítio como Grady.

Michael retirou o pé do degrau e voltou para junto do grupo de mulheres.

— Ela trabalhava? — perguntou.

Sem deixar de olhar para ele com a mesma expressão cautelosa, Nora respondeu-lhe:

— Quase todas as noites.

— Era uma rapariga honesta — acrescentou a mulher branca atrás dela.

— Era uma menina tão nova — tornou Nora, fazendo um ruído de desaprovação com a língua. — Não era o tipo de vida para ela, mas o que é que podia fazer como alternativa? — A voz dela era quase um desafio.

Michael acenou afirmativamente com a cabeça, como se compreendesse.

— Tinha clientes habituais?

As mulheres abanaram as cabeças todas outra vez e foi Nora quem esclareceu:

— Ele nunca trazia o trabalho para casa.

Michael ficou à espera, na expectativa de que pudessem acrescentar mais alguma coisa. Contou mentalmente os segundos, pensando em ir até aos vinte. Um helicóptero sobrevoou o prédio e ouviu-se a chiadeira feita por pneus de carros a travarem, a poucas ruas de

distância, mas ninguém prestou atenção. Este era o tipo de bairro onde as pessoas começavam a sentir-se nervosas se não ouvissem tiros pelo menos duas vezes por semana. As vidas dos habitantes tinham uma ordem natural, e a violência — ou a ameaça de violência — fazia parte dela como a *fast-food* e as bebidas alcoólicas mais baratas.

— Bem... — disse Michael, depois de ter alargado a contagem até aos vinte e cinco segundos. Pegou num cartão de visita e estendeu-o a Nora. — Pode limpar o rabo com ele, se quiser — disse-lhe.

A mulher resmungou, segurando no cartão com ar de nojo e apenas com o polegar e o indicador.

— O meu rabo é maior do que isto — replicou.

Michael piscou-lhe o olho sugestivamente e transformou a voz num rosnido para depois lhe retorquir.

— Não pense que não reparei, minha querida.

Nora soltou uma gargalhada repentina mas fechou-lhe a porta na cara. Pelo menos ficara com o cartão, pensou Michael. Era um gesto que devia ser interpretado como um sinal positivo.

Voltou às escadas e subiu até ao primeiro patamar, avançando de dois em dois degraus. Havia elevadores em todos os prédios de Grady mas mesmo os que funcionavam eram perigosos. No seu primeiro ano de polícia de giro, Michael fora chamado a Grady devido a um caso de violência doméstica e acabara fechado numa dessas cabinas que rangiam, tendo como única companhia um rádio que não funcionava. Durante as duas horas que ficara metido no elevador esforçara-se por não contribuir para o cheiro avassalador a urina e a vomitado e foi preciso o sargento reparar que ele não regressara para se decidir a enviar alguém à sua procura. Os veteranos que o socorreram tinham ficado a rir-se da estupidez dele durante mais de meia hora antes de o ajudarem a sair.

Bem-vindo à irmandade, portanto.

Quando começou a subir para o segundo patamar, Michael sentiu a mudança na atmosfera. A começar pelo cheiro: o odor habitual a fritos, misturado com cerveja e suor, era repentinamente cortado pelo cheiro inquestionável da morte violenta.

O prédio respondera à morte da forma habitual. Em vez do martelar constante das batidas *rap* provenientes de múltiplos altifalantes, Michael só ouvia os murmúrios das vozes por detrás das

portas fechadas. O som dos televisores atenuara-se e o espetáculo que preenchia o intervalo do jogo tornara-se o único ruído de fundo, enquanto as pessoas falavam da rapariga do sexto andar e davam graças a Deus por ter sido a hora dela e não a dos seus filhos, das suas filhas e delas próprias.

O ambiente de relativa calma foi quebrado pelos sons que começaram a ecoar pelas escadas: os ritmos familiares de uma cena de crime, quando começavam a recolher as provas e a tirar as fotografias. Michael parou no começo do lanço que levava ao quarto andar para recuperar o fôlego. Deixara de fumar dois meses antes mas os pulmões ainda não acreditavam. Sentiu-se como se fosse asmático enquanto subia até ao patamar seguinte. Por cima dele houve um polícia que se riu e os outros juntaram-se à brincadeira, participando nas mesmas manifestações de jactância que lhes tornavam possível fazerem o seu trabalho.

Em baixo ouviu bater uma porta e Michael debruçou-se por cima do corrimão, vendo duas mulheres a tentarem entrar no prédio com uma maca. Vestiam impermeáveis azuis-escuros com letras amarelas brilhantes nas costas que anunciavam «Morgue»

— É aqui — avisou Michael.

— É muito acima? — perguntou uma delas.

— Sexto andar.

— Foda-se! — praguejou ela.

Michael agarrou-se ao corrimão e içou-se mais alguns degraus, ouvindo as duas mulheres a soltar mais imprecações enquanto se lançavam à escalada, com a maca a embater no corrimão metálico como se fosse um sino avariado. Michael encontrava-se a um lanço do topo quando sentiu os pelos da nuca a eriçarem-se. O suor colara-lhe a camisa às costas mas houve uma espécie de sexto sentido que fez um arrepio percorrê-lo de alto a baixo.

O clarão do *flash* de uma máquina fotográfica e o som que esta soltou despertaram-lhe a atenção. Michael contornou cuidadosamente um sapato vermelho de salto alto, caído de lado no degrau como se alguém, depois de se sentar, o tivesse descalçado. No degrau seguinte viu a forma perfeita de uma mão ensanguentada que aí se tentara apoiar. No outro degrau havia mais uma impressão deixada pela mão e depois no outro também, como se alguém tivesse subido a escada de gatas.

No alto do quinto lanço de escadas viu Bill Burgess, um polícia de giro veterano que já vira praticamente todos os tipos de crime que Atlanta tinha para oferecer. Atrás dele havia uma poça escura de sangue quase coagulado que alastrava em fios vermelhos, que depois desciam de um degrau para o outro como dominós em queda. Michael percebeu o que acontecera: alguém tropeçara aqui, esforçando-se depois por se levantar e acabara por espalhar o sangue à medida que tentava escapar.

Bill virara-se para a escada para ficar de costas voltadas para o sangue. O rosto estava branco e os lábios formavam um risco horizontal cor-de-rosa. Michael parou de imediato, pensando que nunca vira Bill assim perturbado. Este era o homem que tinha ido comprar asas de frango uma hora depois de ter descoberto seis dedos decepados num contentor de lixo, nas traseiras de um restaurante chinês.

Os dois homens mantiveram-se em silêncio enquanto Michael passava cautelosamente por cima da poça de sangue. Manteve a mão no corrimão e voltou-se para o lanço seguinte, agradecido por ter alguma coisa a que se agarrar, quando viu a cena que o esperava.

A mulher ficara parcialmente vestida, com o vestido vermelho curto e apertado aberto ao meio, como um robe, a revelar a pele da cor de cacau e um tufo de pelos púbicos pretos, rapados para formar uma linha fina que conduzia diretamente à abertura entre as pernas. A posição dos seios no peito era involuntariamente alta mas os implantes sustinham-na na perfeição. Tinha um braço estendido para um lado e o outro debaixo da cabeça, com os dedos esticados para chegarem ao corrimão como se a última coisa em que tivesse pensado fosse a tentativa de se pôr de pé. A perna direita ficara bem aberta mas dobrada pelo joelho e a esquerda esticada num ângulo que permitia ver a zona púbica.

Michael deu mais um passo, obrigando-se a não prestar atenção à atividade que se desenrolava à sua volta, tentando ver a mulher como o assassino a teria visto. A maquilhagem manchava-lhe o rosto, onde o batom e o *rouge* haviam sido aplicados em quantidade suficiente para formarem linhas bem escuras que lhe realçavam as feições. O cabelo preto encaracolado tinha madeixas cor de laranja e projetava-se em todas as direções. O corpo era bonito ou talvez mais bonito do que se poderia esperar das marcas de picadas de agulhas nos braços, que indicavam que ela era uma mulher que alimentava

o seu vício com o que tinha entre as pernas. As nódoas negras nas coxas podiam ter sido feitas pelo assassino ou por um cliente que gostasse de violência. Se tivesse sido este o caso, era possível que ela o tivesse aguentado voluntariamente, sabendo que ganharia mais dinheiro devido à dor e que mais dinheiro significaria depois mais prazer, quando a agulha a penetrasse e a sensação quente que gerava se espalhasse pelas suas veias.

Os olhos tinham ficado muito abertos, voltados para a parede. Uma das pestanas postiças soltara-se e criara uma terceira linha abaixo do olho esquerdo. O nariz estava partido e a maçã do rosto mudara de local onde os ossos por debaixo do olho se haviam estilhaçado. A luz refletia-se em qualquer coisa existente dentro da boca dela e Michael aproximou-se ainda mais para ver que a boca se encontrava cheia de líquido até acima e que esse líquido era sangue. A luz que vinha do teto provocava reflexos na mancha vermelha, dando-lhe a aparência de uma lua quase em cima da terra.

Pete Hanson, o médico legista de serviço, parara no cimo das escadas a falar com Leo Donnelly. Leo era um imbecil, sempre a fazer de polícia duro, sempre a dizer piadas sobre tudo, a rir-se muito e durante tempo demais, mas Michael já o vira muitas vezes no bar e seguira-lhe o movimento que lhe transformava a mão numa mancha indistinta quando levava à boca *whisky* atrás de *whisky* para tentar afastar o sabor a morte.

Leo viu-o e sorriu-lhe, como velhos amigos que fossem encontrar-se para passarem juntos um momento agradável. Na mão tinha um saco de plástico para recolha de provas, já selado, que ia atirando ao ar e apanhando, como se estivesse a preparar-se para o usar como uma bola.

— Raio de noite para estar de serviço — disse-lhe Leo.

Michael não lhe disse que sim e perguntou-lhe:

— Que aconteceu?

Leo continuou a atirar o saco ao ar, tomando-lhe o peso.

— O doutor diz que ela morreu por hemorragia.

— Talvez — corrigiu Pete. Michael sabia que o médico gostava tanto de Leo como toda a gente da unidade, o que significava que ele não suportava o sacana. — Hei de saber mais quando a tiver em cima da marquesa.

— Apanha — disse Leo, atirando o saco das provas a Michael.

Michael viu-o a aproximar-se em câmara lenta, a rodopiar pelo ar como uma bola deformada. Apanhou-o antes de chegar ao chão, envolvendo com os dedos uma coisa espessa e obviamente molhada.

— É para o teu gato — disse-lhe Leo.

— Mas que... — E Michael parou. Já sabia o que era.

— Olhem só para a cara dele! — As gargalhadas de Leo ecoaram pelas paredes como tiros de uma *shotgun*.

Michael ficou calado a olhar para o saco. Sentiu sangue no fundo da sua própria garganta e a aspereza metálica do sabor do medo que aparece de repente. A voz que lhe saiu da boca nem parecia ser a sua — era como se estivesse debaixo de água, talvez a afogar-se.

— Que aconteceu? — perguntou.

Leo continuava a rir-se e por isso foi Pete que lhe respondeu:

— Ele arrancou-lhe a língua à dentada.

DOIS

6 de fevereiro de 2006

Michael fora atormentado pelos sonhos já depois de regressar da Guerra do Golfo. Ao fechar os olhos, via as balas a serem disparadas na sua direção, as bombas a fazerem explodir braços e pernas, as crianças a correrem pela estrada fora e a chamarem pelas mães. E Michael sabia onde se encontravam as mães delas. Ficara a vê-las, impotente, a atirarem-se contra as janelas fechadas da escola, a tentarem fugir enquanto eram queimadas vivas pelas chamas do incêndio provocado pela explosão de uma granada.

Agora era Aleesha Monroe que o atormentava. A mulher sem língua encontrada nas escadas seguira-o até casa, mas era Michael que nesta altura a perseguia escada acima por artes mágicas que só os seus sonhos explicariam, atirando-a ao chão para depois a rasgar ao meio. Sentiu as unhas vermelhas e compridas a cravarem-se-lhe na pele enquanto ela tentava repeli-lo e sufocá-lo. Não conseguiu respirar. Levou as mãos ao pescoço para agarrar as mãos dela, para a fazer parar. E depois acordou, a gritar tão alto que Gina se sentou na cama, ao lado dele, com o lençol amarfanhado preso ao peito como se esperasse ver um tarado a invadir-lhes o quarto.

— Meu Deus, Michael — disse ela, num silvo, levando a mão ao coração. — Pregaste-me um susto do caraças.

Michael estendeu a mão para o copo de água da mesa de cabeceira, entornando-a para o peito enquanto sorvia goles enormes, para apagar o fogo que lhe enchia a garganta.

— Querido — disse Gina, tocando-lhe no pescoço com as pontas dos dedos —, o que foi?

Michael sentiu uma picada no pescoço e levou os dedos ao sítio onde os dela haviam estado. Tinha um corte na pele e, quando se levantou para ir ver o que era, no espelho por cima da cómoda, viu uma gotinha de sangue a deslizar-lhe da ferida, que era nova.

Gina aproximou-se dele.

— Arranhaste-te enquanto dormias? — perguntou.

— Não sei. — Mas sabia. Ainda não se recomposera do sonho.

Gina franziu o nariz ao levar a mão dele à boca. Por instantes, Michael pensou que ela o ia beijar mas Gina só lhe perguntou:

— Porque é que cheiras a lixívia?

Michael tivera de se esfregar para se livrar do cheiro — do cheiro que se colava a ele ao aproximar-se dos mortos. Mas não lhe respondeu, por não querer falar no assunto, e em vez disso olhou para o relógio, a piscar os olhos.

— Que horas são? — perguntou.

— Merda — resmungou Gina, largando-lhe a mão. — É melhor ir vestir-me. O meu turno começa daqui a duas horas.

Michael pegou no relógio para ver por si próprio. Seis e meia. Depois de examinar a cena do crime e de revistar o apartamento da vítima e preencher a papelada, conseguira dormir talvez umas quatro horas.

Ouviu a água do duche a correr e os canos a fazerem barulho no interior da parede enquanto o termoacumulador começava a trabalhar. Michael entrou na casa de banho e ficou a ver Gina a tirar a camisola com que dormira.

— O Tim já está acordado — disse-lhe ela, tirando em seguida as cuecas. — Tens de ver se ele não faz nenhum disparate.

Michael encostou-se à parede, admirando-lhe o estômago liso e os músculos que se retesavam ao longo dos braços enquanto ela tirava o elástico do cabelo.

— Está tudo bem — replicou.

— Vai ver dele — insistiu Gina, a olhar para ele, reparando como Michael a observava.

Michael sentiu o sorriso que lhe surgia nos lábios. Os seios de Gina haviam mantido toda a sua firmeza depois de Tim ter nascido e vê-los quase lhe fazia crescer água na boca.

— Mete baixa — pediu a Gina.

— Pois.

— Vemos um filme, ficamos no sofá na marmelada. — Michael fez uma pausa, antes de prosseguir. — Lembras-te de como nos beijávamos durante horas? — Caramba, há meses que não tinha direito a mais do que um beijo ao de leve na face. — Vamos beijar-nos assim, Gina. Mais nada. Só beijar-nos.

— Michael — disse Gina, inclinando-se para a frente para verificar a temperatura da água. Depois entrou para o duche. — Deixa de olhar para mim como se eu fosse uma puta e vai ver do teu filho.

Gina fechou a porta do polibã e Michael ainda se deixou ficar uns instantes na casa de banho, observando-lhe a silhueta através do vidro, perguntando a si próprio quando é que as coisas teriam começado a correr mal entre eles.

Conhecera Gina antes de a sua unidade partir para o Golfo. Ninguém pensava que alguma coisa lhes pudesse acontecer lá, mas Michael e os restantes recrutas comportaram-se como se fosse esse o caso, procurando o máximo de ação antes de serem largados no deserto. Ellen McCallum era uma loura baixa, de cabelo oxigenado e não muito inteligente — era o tipo de rapariga de que uma pessoa se queria lembrar ao dar por si numa tenda emporcalhada e coberta de areia a um milhão de quilómetros de casa e quando queria falar aos seus camaradas na rapariga da sua terra natal com aquela boca capaz de arrancar às chupadelas o forro de um sofá de pele.

Michael passara quase uma semana a tentar comer Ellen quando entrou em cena a prima dela, Gina. Apesar de lhe ter feito a vida negra por andar a meter-se com a sua prima mais nova, que era também a sua prima preferida, quando Michael teve de embarcar alguns dias depois foi Gina que levou no pensamento. O seu cabelo castanho encaracolado, as feições delicadas e a curva suave das suas nádegas. Começou a escrever-lhe e, para surpresa dele, Gina respondeu-lhe — de início com bastante agressividade mas depois com mais calma e até alguma ternura. Michael já andava pelo Koweit, oficialmente a manter a paz, quando um adolescente imbecil que brincava com uma pistola lhe meteu acidentalmente uma bala na perna. O miúdo tinha má pontaria mas a ferida custava a sarar. E quando Michael foi transferido para a base na Alemanha para ser operado, Gina foi a primeira pessoa a quem ele telefonou.

Casaram-se uma semana depois de ele ter sido desmobilizado, e duas semanas mais tarde Michael inscreveu-se no Departamento de

Polícia de Atlanta. Gina terminou o curso de enfermagem na Faculdade Batista da Geórgia e arranhou um bom emprego no Hospital Crawford Long. Dois anos mais tarde foi para o Hospital Piedmont, onde lhe pagavam mais. Michael obteve o crachá dourado de detetive e foi transferido do giro da zona de Grady para os Costumes com um aumento salarial a condizer com a promoção. Pouco demorou até que a vida deles começasse a correr melhor do que Michael alguma vez esperara. Compraram uma casa no norte de Atlanta, começaram a poupar dinheiro para uma emergência e a pensar em ter um ou dois filhos e em formar uma família a sério. E então apareceu Tim.

Tim era um bebé sossegado mas Michael via-lhe um brilho animado naqueles grandes olhos azuis. Quando pegou nele pela primeira vez foi como se pegasse no seu próprio coração.

Foi Barbara, a mãe de Gina, a primeira pessoa a aperceber-se do problema. Ele nunca chorava. Não se relacionava com as pessoas. Ficava a olhar para a parede durante horas a fio. Michael resistiu até ao fim mas o médico confirmou as suspeitas de Barbara. Durante a gravidez de Gina, Tim ficara privado de oxigénio a certa altura. O cérebro não conseguiria desenvolver-se além do nível de alguém que tivesse seis anos de idade. Ninguém sabia como nem porquê, mas as coisas eram assim.

Michael nunca gostara de Barbara, porém, o diagnóstico de Tim fizera com que passasse realmente a odiá-la. Era um lugar-comum detestar a sogra mas esta tivera sempre a opinião de que a filha des-cera na escala social e passara a ver o problema de Tim como um falhanço de Michael. Também era, ao mesmo tempo, uma espécie de fanática religiosa, rápida a ver as faltas dos outros mas lenta a ver as suas. Não era só uma pessoa capaz de ver sempre o copo meio vazio; pensava é que o facto de o copo estar meio vazio fazia com que toda a gente fosse parar ao Inferno por causa disso.

— Tim? — chamou Michael, vestindo uma t-shirt enquanto percorria a casa. — Onde estás, pá?

Ouviu as risadas, vindas de detrás do sofá, mas continuou a andar na direção da cozinha.

— Para onde terá ido o Tim? — perguntou em voz alta, vendo que o filho havia espalhado o conteúdo de uma caixa inteira de *Cheerios* pela mesa da cozinha. A tigela azul de Tim estava cheia de leite até à borda e, por instantes, Michael recordou-se da boca muito

vermelha de Aleesha Monroe e de como esta ficara cheia com o próprio sangue dela.

— *Buuu!* — gritou Tim, agarrando Michael pela cintura.

Michael sobressaltou-se, apesar de Tim fazer o mesmo praticamente todas as manhãs. O coração batia-lhe no peito com toda a força ao levantar o filho em braços. Tim tinha oito anos e já era grande demais para andar ao colo mas Michael não conseguia conter-se. Alisou a madeixa de cabelo que se levantava no alto da cabeça do filho e perguntou-lhe:

— Dormiste bem, miúdo?

Tim acenou afirmativamente com a cabeça, esquivando-se à mão de Michael e fazendo força nos ombros do pai para voltar ao chão.

— Vamos limpar isto antes de a Ba-Ba chegar — sugeriu Michael, varrendo parte dos cereais com a palma da mão e deitando-os para dentro da caixa. Barbara vinha tomar conta de Tim durante a semana. Levava-o à escola, ia buscá-lo, dava-lhe o lanche e ajudava-o a fazer os trabalhos de casa. Na maior parte dos dias acabava por passar mais tempo com ele do que Michael ou Gina, mas não havia outra hipótese. — A Ba-Ba não vai gostar de ver esta porcaria.

— Não — concordou Tim. Sentara-se à mesa, com uma perna debaixo da outra. A braguilha do pijama do Homem-Aranha ficara aberta.

— Mete o teu equipamento para dentro, pá — admoestou-o Michael, tentando afastar a onda de tristeza que caía sobre ele enquanto Tim se esforçava por controlar os botões.

Michael fora filho único e recebera talvez mais mimo do que devia ter recebido. Quando Tim nasceu, ele não fazia ideia de como se tratava de um bebé. Mudar as fraldas a Tim era embaraçoso e uma tarefa a despachar o mais depressa possível e com um mínimo de contacto físico. Agora, Michael não conseguia deixar de pensar que Tim ia atingir a puberdade dentro de poucos anos. O corpo começaria a crescer, transformando-o num homem, mas a mente nunca o acompanharia. Nunca saberia como era fazer amor com uma mulher e usar o que Deus lhe oferecera para dar prazer a outro ser humano. E nunca teria filhos. Tim nunca conheceria as alegrias e as angústias de ser pai.

— Quem é que fez esta porcaria? — perguntou Gina. Embrulhara-se no robe de seda azul que Michael lhe dera pelo Natal,

poucos anos antes, com o cabelo enfiado numa toalha. — Foste tu que fizeste a porcaria, foste? — perguntou a Tim, segurando-lhe o queixo com a mão e beijando-o nos lábios. — A Ba-Ba não vai gostar — disse-lhe. Michael sentia um prazer secreto por o filho não ser capaz de chamar avó a Barbara como ela desejava.

Tim começou a ajudar a limpar mas só fez alastrar a porcaria.

— Oh-oh — disse, pondo-se de joelhos a apanhar os *cheerios* um por um, contando-os em voz alta enquanto os entregava à mãe.

— Hoje vais chegar a horas decentes? — perguntou Gina a Michael.

— Disse-te que estou com um caso entre mãos.

— Num bar? — inquiriu ela, enquanto Michael lhe voltava as costas para tirar um par de canecas de um armário. Na véspera sentira-se demasiado enervado para regressar logo a casa. Leo sugerira que fossem beber um copo e conversassem sobre o caso, e Michael aproveitara a sugestão como desculpa para beber alguns *bourbons* e atenuar a impressão deixada pelo que vira.

— Onze... — contou Tim. — Doze...

— Cheiras a cinzeiro — disse Gina.

— Eu não fumo.

— Não disse que fumavas. — Gina largou um punhado de *cheerios* dentro da respetiva caixa e estendeu a mão, para o filho lhe dar mais.

— Catorze — continuou Tim.

— Precisei de algum tempo. — Michael encheu as canecas com café. — O Leo queria falar sobre o caso.

— O que o Leo queria era uma desculpa para ficar podre de bêbedo.

— Oh-oh — cantarolou Tim.

— Desculpa, amorzinho — disse Gina ao filho. E suavizou o tom de voz. — Saltaste um número. Que é feito do treze?

Tim encolheu os ombros. Nesta altura só conseguia contar até vinte e oito mas Gina fazia sempre com que ele percorresse os números todos.

— Vai vestir-te para a Ba-Ba — disse depois ao filho. — Ela está quase a chegar.

Tim levantou-se da mesa e saiu da cozinha aos saltos, oscilando entre um pé e o outro.

Gina meteu os *cheerios* na caixa e sentou-se, com um gemido. Arranjara maneira de fazer um turno duplo neste fim de semana para ganhar mais algum dinheiro. Mas o dia ainda nem começara e ela já parecia estar exausta.

— Foi uma noite agitada? — perguntou Michael.

Gina bebeu um gole do café, a olhar para ele por cima do fumo que se erguia da caneca.

— Preciso de dinheiro para o novo terapeuta — disse.

Michael suspirou, encostado à bancada. A anterior terapeuta da fala de Tim levava-o até onde pudera. Mas o miúdo precisava de um especialista e para os bons especialistas não bastava o seguro de saúde público.

— Quinhentos dólares — acrescentou Gina. — E ele poderá fazer até ao final do mês.

— Caramba. — Michael esfregou os olhos com os dedos, começando a sentir a cabeça a doer. Pensou no *BMW* e no *Lincoln* que vira em Grady na noite anterior. Com esse tipo de dinheiro Tim poderia consultar cinquenta especialistas. — Tira das nossas poupanças — disse-lhe.

— Quais poupanças? — Gina deu uma risada de desprezo.

O Natal. Tinham tirado o dinheiro das poupanças para o Natal.

— Vou pedir mais um turno no hospital. — Gina levantou a mão para travar o protesto do marido. — Ele precisa do melhor que lhe pudermos dar.

— Ele precisa é da mãe.

— E a tua mãe? — ripostou Gina.

Michael cerrou os dentes.

— Não lhe vou pedir nem mais um cêntimo.

Gina pousou a caneca na mesa com tanta força que entornou o café por cima da mão. Ninguém conseguia sair vencedor desta discussão — Michael sabia-o bem porque a tinham praticamente todas as semanas ao longo dos últimos cinco anos. Ele já fazia horas extraordinárias, tentando trazer dinheiro extra para casa, para Tim poder ter as coisas de que precisava. Gina fazia turnos ao fim de semana duas vezes por mês mas Michael opunha-se a que ela trabalhasse nas férias e nos feriados. No atual regime já mal a via. E até chegava a pensar, às vezes, que ela é o que planeava assim. Já não eram um casal. Eram uma parceria, uma organização não lucrativa

que trabalhava para Tim ficar melhor. Michael já nem se lembrava de quando é que tinham tido relações sexuais pela última vez.

— A Cynthia veio cá ontem à noite — disse Gina. A mimada vizinha do lado. — Tem uma tábua solta ou coisa parecida.

— Tábua solta? — repetiu Michael. — Que é feito do Phil?

Gina apoiou as mãos na mesa e pôs-se em pé.

— Foi para o Botswana, sei lá. Raios, Michael. Ela perguntou se podias ir arranjar a tábua e eu disse que sim.

— Não poderias ter-me consultado primeiro, a propósito disso?

— Ou fazes ou não fazes — retorquiu Gina, deitando o resto do café para o lava-louça. — Tenho de ir vestir-me, para ir trabalhar.

Michael ficou a olhar para ela, enquanto Gina desaparecia no corredor. Era assim todas as manhãs: Tim a fazer porcaria, eles a limpar, depois uma discussão sobre qualquer coisa estúpida. E ainda por cima Barbara estava a chegar a qualquer momento, e Michael tinha a certeza de que a sogra ia arranjar qualquer coisa de que se queixar, quer fossem as dores nas costas, o pouco que recebia da Segurança Social ou o facto de ele lhe ter dado um neto atrasado mental. Ultimamente começara a deixar colados na porta do frigorífico artigos de jornais sobre a Síndrome da Guerra do Golfo, sugerindo obviamente que Michael fizera alguma coisa horrível no Iraque que desencadeara a maldição contra a sua família.

Michael regressou ao quarto e vestiu-se rapidamente, sem tomar duche para não ter de ir à casa de banho e encontrar Gina outra vez. Viu o *Toyota* de Barbara a parar à porta e foi tirar o martelo da caixa das ferramentas, saindo pelas traseiras enquanto ela entrava pela porta da frente.

Parte da cerca feita de rede de capoeira que delimitava o pátio das traseiras fora deitada abaixo por uma árvore durante a última tempestade de gelo e ainda não tinham arranjado dinheiro para a reparar. Michael saltou por cima da rede caída, tendo o cuidado de não ficar com a bainha da calça presa no metal retorcido para não ir de cara ao chão. Outra vez.

Bateu na porta das traseiras, a espreitar pela janela enquanto esperava que a vizinha aparecesse. Cynthia veio sem pressas, percorrendo descalça o corredor com um *babydoll* suficientemente aberto para revelar o top e as cuecas de fio dental que usava por baixo. Michael interrogou-se sobre o paradeiro de Phil. Se Gina alguma

vez abrisse a porta a Phil vestida desta maneira, Michael matá-la-ia sem piedade.

Cynthia abriu a porta lentamente, curvada para a frente e a deixar ver os seios. O cabelo louro comprido cobria-lhe o rosto. O top era tão decotado que Michael conseguia ver-lhe as pontas dos mamilos cor-de-rosa.

Michael sopesou o martelo, sentindo um zumbido elétrico na cabeça. Devia dar meia volta e deixá-la a arranjar a própria tábua. Merda, o Phil havia de voltar para casa alguma vez e que o fizesse ele.

Cynthia ofereceu-lhe um sorriso, ao abrir a porta:

— Olá, vizinho.

— Onde está o Phil?

— Em Indianápolis — respondeu ela, tapando a boca com as mãos para esconder um bocejo. — A vender meias de descanso às massas para me poder manter no estilo de vida a que me habituei.

— Pois. — Michael espreitou por cima do ombro dela. A cozinha era uma pocilga. Havia pratos empilhados com restos secos de comida no lava-louça, caixas de pizza pronta a comer por todo lado e cigarros a saírem por fora dos cinzeiros. E num copo que parecia ter sumo de laranja já havia bolor. — A Gina disse-me que tens uma tábua solta.

Cynthia fez-lhe um sorriso de gato, antes de responder:

— Tem de ser apertada.

Michael pousou o martelo.

— Porque é que foste falar com ela?

— Os vizinhos ajudam os vizinhos — respondeu Cynthia como se tudo fosse muito simples. — Disseste ao Phil que olharias por mim quando ele não estivesse.

Mas não era a isto que Phil se referia.

Cynthia agarrou-o pelo colarinho e puxou-o para dentro de casa.

— Estás tão tenso.

— Eu não posso continuar a fazer isto.

— E o que estás tu a fazer? — perguntou Cynthia, puxando-o mais para si.

Michael pensou em Gina, no facto de ela praticamente não olhar para ele, no que sentia quando ela o afastava.

— Não posso, mesmo.

A mão dela assentou com força na parte da frente das calças dele.

— Eu diria que podes.

Michael susteve a respiração enquanto os olhos percorriam a curvatura dos pequenos seios de Cynthia até aos mamilos firmes. Sentiu a língua dela a entrar-lhe por entre os lábios e até já saboreava a boca dela na dele.

Cynthia abriu-lhe a braguilha e enfiou a mão lá dentro.

— Gostas assim? — perguntou, movendo o polegar em pequenos círculos.

— Porra — sussurrou Michael entredentes. — Sim.

DECATUR CITY OBSERVER

19 de junho de 1985

POLÍCIA PROCURA TESTEMUNHAS NO CASO FINNEY

A Polícia está a solicitar a colaboração de testemunhas no caso do homicídio de Mary Alice Finney, encontrada assassinada na sua casa, em Decatur, no domingo passado. Harold Weller, o chefe da Polícia, revelou numa conferência de imprensa que Mary Alice foi com amigas ao centro comercial da Praça Lennox ao final da tarde desse dia e que esteve depois numa festa no bairro, em Decatur. A jovem, de 15 anos, foi vista a sair da festa com um homem não identificado. Quem tenha visto a rapariga ou tenha informações sobre esse homem deve telefonar para o Departamento de Polícia de DeKalb. A família tem recusado todos os pedidos de entrevistas e, numa declaração formal, Paul Finney, o pai da jovem assassinada e procurador-adjunto de DeKalb, pediu que respeitassem a privacidade da família. Fontes próximas da investigação afirmam que Sally Finney, a mãe da rapariga, encontrou a filha quando foi acordá-la para irem à igreja.

TRÊS

Michael sentia-se na merda. Não, porra, sentia-se era um merdas.

A primeira vez com Cynthia não passara de um acidente. Michael sabia que pensar isso era desculpa de mau pagador e que ninguém podia tropeçar e ir parar por acaso ao interior da vagina de alguém, mas a verdade é que era assim que pensava. Houve uma noite em que Phil telefonara da Califórnia, frenético de preocupação porque não conseguia falar com Cynthia. O homem andava sempre a viajar, a vender lingerie aos grandes supermercados, e provavelmente ia molhando o pincel pelo caminho. Michael não o podia provar mas trabalhara durante três anos nos Costumes e conhecia a espécie de homens de negócios que recorriam aos talentos locais sempre que andavam em viagem. Os numerosos telefonemas que fazia para saber de Cynthia assemelhavam-se a telefonemas de má consciência e eram a forma de Phil a controlar quando não conseguia controlar-se a si próprio.

Gina já andava a trabalhar à noite e a distanciar-se de Michael quando ele lhe pedia atenção. As dificuldades de Tim tornavam-se cada vez mais evidentes e a reação de Gina era embrenhar-se no trabalho, começando a fazer turnos duplos porque não conseguia aguentar o facto de chegar a casa e ter de encarar o filho deficiente. Michael andava arrasado pelo desgosto, cansado de chorar até conseguir adormecer e a sentir-se muito só.

Cynthia estava disponível e mais do que disposta a fazê-lo esquecer-se das coisas. Depois da primeira vez, Michael garantira a si próprio que não voltaria a acontecer, e realmente não acontecera,

pelo menos durante um ano. Michael tinha de trabalhar e de ocupar-se de Tim e era só nisso que pensava até ao dia, na primavera anterior, em que Cynthia dissera a Gina que o lava-louça vertia água.

— Vai arranjá-lo — dissera-lhe Gina. — O Phil anda sempre por fora. A coitada não tem ninguém que a ajude.

Michael não se apaixonara por Cynthia e não era tão estúpido que pensasse que ela podia ter sentimentos dessa natureza por ele. Com a maturidade dos quarenta anos, Michael já aprendera que uma mulher ansiosa por mamá-lo sempre que o via não era uma mulher apaixonada por ele — era, sim, uma mulher que procurava qualquer coisa. Talvez Cynthia gostasse da ideia de ser comida por Michael na cama de Phil. Ou talvez gostasse da ideia de ver Gina pela janela da cozinha, sabendo que estava a usar algo que pertencia a outra mulher. Michael não pensara muito nas motivações. Sabia bem quais eram as suas. Durante os quinze ou vinte minutos que passava na casa da vizinha, a mente esvaziava-se e ele deixava de pensar no pagamento dos especialistas, na hipoteca ou no telefonema da empresa do cartão de crédito a perguntar-lhe quando é que poderiam receber algum dinheiro. Michael só pensava na boca pequena e perfeita de Cynthia e no seu próprio prazer.

Mas o dia chegaria em que ela iria querer alguma coisa. Não era tão estúpido que não o soubesse.

— Iô, Mike — chamou-o Leo, batendo com os nós dos dedos na secretária dele. — Desce das nuvens.

— Que se passa? — perguntou Michael, endireitando as costas. À exceção dos dois homens, a esquadra encontrava-se deserta, com Greer metido no gabinete, de porta fechada e persianas corridas.

Michael olhou para a porta fechada.

— Está outra vez a masturbar-se? — perguntou.

— Tem lá dentro um anormal do GBI que parece o Lurch¹.

— Porquê? — perguntou Michael, mas nem valia a pena perguntar, porque sabia a resposta. Na noite anterior, Greer dissera que ia pedir ajuda para o caso e a estrutura seguinte na hierarquia da investigação criminal era o Georgia Bureau of Investigation.

¹ Lurch é uma personagem vagamente parecida com o monstro de Frankenstein da série televisiva *The Adams Family* (1964-1966). GBI são as iniciais do Georgia Bureau of Investigation (Bureau de Investigação da Geórgia), o órgão de investiga o criminal do estado norte-americano da Geórgia. [N. do T.]

— Ele não me consultou — disse Leo, sentando-se à beira da secretária de Michael, espalhando vários papéis ao fazê-lo. Era sempre a mesma coisa, por muitos avisos que Michael lhe fizesse. — Tiveste problemas com a tua mulher ontem à noite?

— Não — mentiu Michael, deixando os olhos vaguear pela sala da divisão. O local era depressivo e sombrio e as janelas da parede que davam para a loja do *Home Depot* no outro lado da rua tinham uma camada de sujidade tão espessa que bloqueava o sol matinal. City Hall East era um gigantesco edifício de doze andares, que fora em tempos uma loja da *Sears* na base de uma curva da Avenida Ponce de Leon, ocupando um quarteirão inteiro. Uma linha de caminho de ferro separava o prédio de uma velha fábrica da Ford, que fora transformada num edifício de *lofts* caros. O estado comprara o edifício deixado vago pela *Sears* anos antes, ocupando-o com vários departamentos governamentais. Havia pelo menos trinta departamentos diferentes com mais de quinhentos empregados municipais. Era onde Michael trabalhava há dez anos mas, além do estacionamento subterrâneo sempre cheio, só conhecia os três andares do Departamento de Polícia de Atlanta e a morgue.

— Iô — repetiu Leo, batendo-lhe outra vez com a mão na mesa.

Michael empurrou a cadeira para trás, afastando-se da secretária e de Leo. Graças aos cigarros que fumava em cadeia e aos pequenos goles que dava na garrafa que mantinha escondida no cacifo, Leo tinha um hálito que parecia sair dos intestinos de um cão.

— Estás a sonhar com gajas?

— Cala-te — retorquiu Michael, ferozmente, pensando que ele quase se aproximara da verdade. Era normal com Leo, não por ele ser um bom investigador mas porque não conseguia manter a boca fechada.

— Pensei em ir ver o Ken, depois disto. — Leo tirou uma tangerina do bolso do casaco e começou a descascá-la. — Como está ele?

— Bem — disse Michael, apesar de na verdade já ter passado uma semana desde que falara com Ken. Durante muito tempo haviam trabalhado juntos, unidos como se fossem irmãos, até Ken o agarrar um dia pelo braço para depois cair no chão. Estava a falar a Michael numa mulher muito bonita que conhecera na noite anterior e, por uma fração de segundo, Michael até pensou que ele estava na brincadeira. Mas depois Ken começou a agitar-se. Ficou de boa

aberta e urinou-se na sala da divisão. Com cinquenta e três anos, tivera um enfarte como se fosse um velho. O lado direito do corpo dele morrera, o braço e a perna inúteis como um jornal molhado. A boca ficara permanentemente retorcida e a saliva escorria-lhe pelo queixo como se ele fosse um bebé.

Ninguém da divisão o queria ir ver ou ouvir os esforços que fazia para tentar falar. Ken era um alerta para aquilo que os esperava, a quase todos, ao virar da esquina. Tabaco a mais, álcool a mais, dois ou três casamentos fracassados, tudo a terminar em dias solitariamente passados num estado catatónico em frente de um televisor à espera do fim, num lar para a terceira idade manhoso e dirigido pelo Estado.

A porta do gabinete de Greer abriu-se e deixou passar um homem alto e magro, de fato completo com colete. Trazia uma mala de couro que, na mão enorme, mais parecia um selo de correio. Michael percebeu porque é que Leo lhe chamara Lurch. Alto, com dois metros ou mais de altura, tinha a magreza de um galgo. O cabelo, de um louro escuro, era muito curto, com uma risca ao lado. O lábio superior também apresentava um aspeto estranho, como se tivesse sido cortado ao meio e depois colado sem cuidado. Como habitualmente, Leo enganara-se na série. Se o visitante tivesse um parafuso em cada lado do pescoço, ficaria a matar nos *Munsters*².

— Ormewood — apresentou-o Greer. — Este é o agente especial Will Trent, do CAT.

Leo deu o habitual ar da sua graça:

— Mas que porra é o CAT?

— É a Equipa Especial para Captura de Criminosos — esclareceu Greer.

Michael quase sentiu o esforço de Leo para não comentar que o acrónimo seria na realidade SCAT³. Não havia muito que conseguisse silenciar o seu colega, mas Trent mantinha-se muito perto de Leo, pairando acima dele com uma vantagem de quinze centímetros. As mãos do tipo eram gigantescas e teriam possivelmente a dimensão adequada para envolverem a cabeça de Leo e esmagá-la como se fosse um coco.

² *The Munsters* foi uma série televisiva (1964-1966) com uma personagem chamada Herman Munster, que recriava a figura tradicional do monstro de Frankenstein. [N. do T.]

³ O acrónimo de Equipa Especial para Captura de Criminosos (Special Criminal Apprehension Team, no original) seria mais rigorosamente SCAT (caca) e não CAT (gato). [N. do T.]

Leo era idiota mas não era estúpido.

Trent adiantou-se:

— Faço parte de uma divisão especial do GBI que foi criada para apoiar as forças policiais do estado na captura de criminosos violentos. A minha função aqui é meramente consultiva.

O visitante falava como se estivesse a ler um manual, enunciando cuidadosamente cada palavra. Com essa maneira de falar e o fato completo, o tipo até podia ser um professor universitário.

— Michael Ormewood — apresentou-se Michael, estendendo a mão. Trent apertou-a, sem grande firmeza mas sem flacidez, como se estivesse a pegar num peixe. — Este é o Leo Donnelly — continuou Michael, apresentando o seu colega já que Leo se encontrava ocupado com a tangerina, enfiando na boca uma das metades enquanto o sumo lhe escorria pelas costas da mão.

— Muito prazer. — Trent inclinou ligeiramente a cabeça para Leo com um olhar desdenhoso. Depois olhou para o relógio e a seguir para Michael. — Os resultados da autópsia só estarão prontos daqui por uma hora. Gostaria de comparar notas consigo, se tivesse um minuto.

Michael olhou para Greer, interrogando-se sobre o que teria mudado na cadeia alimentar nos dois últimos minutos. Começava a ter a sensação de que fora atirado para o fim da escala e isso não lhe agradava.

Greer voltou-lhes as costas e regressou ao gabinete com o seu andar bamboleante, despedindo-se apenas com um «Mantenham-me informado» antes de fechar a porta.

Michael olhou para Trent. O tipo da administração estatal não lhe parecia um polícia. Apesar da altura, não enchia a sala da divisão. Mantinha uma mão no bolso e o joelho esquerdo ligeiramente dobrado numa atitude quase descontraída. Os ombros seriam bastante largos se ele estivesse direito mas não parecia querer aproveitar-se do tamanho. Faltava-lhe o ar de alguém que andava na rua e a atitude «que se foda» de quem era capaz de prender toda a espécie de escumalha que o mundo lhes punha à disposição.

Michael observou-o, a pensar no que aconteceria se se limitasse a dizer ao imbecil que desaparecesse. Mas depois da discussão matinal com Gina e do encontro com Cynthia, Michael achou que devia dar uma oportunidade a alguém. Apontou para a porta e disse-lhe:

— A sala de reuniões é por aqui.

Trent seguiu pelo corredor fora. Michael seguiu-o, a olhar para os ombros do homem, perguntando a si próprio como é que ele fora parar ao GBI. Normalmente, os tipos do estado eram viciados em adrenalina, com os corpos tão cheios de testosterona que a testa andava sempre coberta de suor.

— Há quanto tempo é que está nesse serviço? — perguntou-lhe.

— Há doze anos.

Michael calculou que Trent fosse, pelo menos, dez anos mais novo do que ele mas isso também não lhe dizia o que ele queria saber.

— Ex-militar? — perguntou.

— Não — respondeu Trent, abrindo a porta da sala de reuniões. As janelas da sala estavam mais limpas e, à luz do sol, Michael viu-lhe uma segunda cicatriz que lhe descia pela face. A tonalidade cor-de-rosa tornava-se quase branca à medida que a cicatriz descia do ouvido até ao pescoço, acompanhando-lhe a jugular e desaparecendo no colarinho apertado pela gola da camisa.

O ferimento fora bastante fundo.

— Guerra do Golfo — disse Michael, levando a mão ao peito, pensando que isso poderia levar o homem a abrir-se. — Tem a certeza de que não esteve na tropa?

— Absoluta — respondeu Trent, sentando-se à mesa. Abriu a mala e tirou um monte de pastas de cartolina de cores berrantes. Olhando-o de perfil, Michael percebeu que o nariz dele havia sido partido algumas vezes e ficou a pensar se ele seria um pugilista. Era no entanto demasiado magro, quase transparente, e tinha um rosto angular. Fosse qual fosse o seu passado, havia nele qualquer coisa que o enervava.

Trent estava a folhear as pastas, pondo-as por ordem, quando reparou que Michael ainda se mantinha de pé.

— Detetive Ormewood — disse-lhe. — Eu faço parte da sua equipa.

— Ah, sim?

— Eu não quero qualquer espécie de glória — prosseguiu Trent, apesar de *glória*, na experiência de Michael, ser o que significava o G do GBI. Os rapazes da administração estatal tinham a fama de aparecer, fazer metade do trabalho e levar depois o crédito todo.

— Eu não quero roubar a atenção dos holofotes — acrescentou Trent — nem aparecer nas notícias quando apanharmos o criminoso. Só quero apoiar-vos no vosso trabalho e depois passar ao caso seguinte.

— E o que é que o faz pensar que precisamos de apoio?

Trent levantou os olhos das pastas e observou Michael durante alguns segundos. Depois abriu uma pasta de um cor-de-rosa fluorescente e fê-la deslizar pela mesa fora na direção de Michael.

— Julie Cooper, de Tucker — disse, referindo-se a uma pequena cidade a pouco mais de trinta quilómetros de Atlanta. — Quinze anos de idade. Foi violada e espancada, ficando às portas da morte. Há quatro meses.

Michael acenou afirmativamente com a cabeça, folheando o conteúdo da pasta sem prestar atenção aos pormenores. Viu a fotografia da vítima e parou. Cabelo louro comprido, *eye liner* pesado, batom a mais para uma rapariga dessa idade.

Trent abriu outra pasta, desta vez de um verde néon:

— Anna Linder, catorze anos, de Snellville.

A norte de Tucker.

— A três de dezembro do ano passado, Linder foi raptada quando se dirigia da casa da tia dela para a sua própria casa, na mesma rua. — Trent passou a pasta a Michael. — Violada e espancada. O mesmo *modus operandi*.

Michael folheou o conteúdo da pasta e olhou para a fotografia. O cabelo de Linder era escuro. Pegou na fotografia e observou-a mais de perto. A boca sofrera bastante, um lábio ficara cortado e o sangue escorrera-lhe para o queixo. O rosto tinha um brilho que captava o clarão do flash da máquina fotográfica.

— Foi encontrada no dia seguinte, escondida num fosso no Parque da Montanha de Pedra.

— Muito bem — disse Michael, à espera da ligação entre os dois casos.

— As duas raparigas disseram ter sido atacadas por um homem com uma máscara de esqui preta. — Trent pôs em cima da mesa uma pasta cor de laranja, com uma fotografia presa à capa por um clipe. — Dawn Simmons, de Buford.

Michael reagiu lentamente, pensando que a rapariga não poderia ter mais dez anos.

— É mais nova do que as outras — comentou, enojado pela noção de um tarado a tocar na criança. Dawn Simmons não era muito mais velha do que Tim.

— Foi atacada há seis meses — disse Trent. — Segundo ela, o agressor usava uma máscara de esqui preta.

Michael abanou a cabeça. Buford ficava a uma hora de Atlanta e a rapariga era demasiado jovem.

— É uma coincidência — disse.

— Também me parece — concordou Trent. — Tipos como estes não caçam fora da zona de conforto deles.

Sem o perceber, Michael sentara-se à mesa. Pousou a fotografia da rapariga de dez anos e fê-la deslizar na direção de Trent, pensando que ficaria com náuseas se ficasse mais tempo a olhar para ela. Meu Deus, como estariam os pais? Como raio é que as pessoas ultrapassam uma coisa destas?

— Que significa isso? «Zona de conforto».

Trent voltou a fazer a sua voz de professor.

— Os predadores sexuais de crianças têm como alvo um grupo etário específico. Um homem que seja sexualmente atraído por crianças de dez anos pode pensar que as de quinze e de dezasseis anos já são velhas demais. O mesmo se passa com um homem interessado em adolescentes. Seria natural ele ficar tão enojado como você pelo pensamento de agredir sexualmente uma criança tão nova.

Michael sentiu um aperto no estômago ao perceber como Trent usava uma voz tão despojada para falar do assunto como se estivesse a conversar sobre o tempo. E não conseguiu deixar de perguntar:

— Você tem filhos?

— Não — respondeu Trent, sem perguntar o mesmo a Michael. Talvez já soubesse a resposta, possivelmente por intermédio de Greer. Michael interrogou-se sobre o que o sacana do chefe lhe teria dito a respeito de Tim.

Trent prosseguiu:

— Falei com os pais, em cada um dos casos, para ver se podemos conversar com as raparigas e talvez obter novas informações, visto que já passou algum tempo sobre os ataques. Pelo que tenho visto, as vítimas deste género de crimes vão tendo mais recordações à medida que se distanciam do que aconteceu — acrescentou. — Pode

ser uma perda de tempo mas também podemos ouvir qualquer coisa de que não conseguissem lembrar-se nos interrogatórios iniciais.

— Certo — concordou Michael, tentando não se mostrar enfadado. Já tinha trabalhado em muitos casos de violação e não precisava de receber lições.

— Penso que o agressor é provavelmente um homem culto — disse Trent. — Deve estar na casa dos trinta anos, mais perto dos quarenta. Deve ser infeliz no trabalho e na sua vida familiar.

Michael não disse o que pensava. Na sua opinião, fazer perfis de criminosos era uma treta. Com exceção da idade, Trent podia estar a referir-se à maioria dos homens da divisão. Se incluísse quem andasse a comer a vizinha do lado, estaria facilmente a descrever Michael.

— Este dossiê mostra que há claramente uma escalada — prosseguiu Trent. — A primeira rapariga, Cooper, foi atacada junto a um cinema. Foi um golpe rápido e eficaz. Demorou tudo uns dez minutos, se tanto, e aconteceu fora do alcance das câmaras de vídeo de circuito fechado do edifício. A segunda, Anna Linder, foi raptada em plena rua. Ele levou-a de carro para qualquer outro sítio, que ela não consegue identificar. Largou-a mesmo à porta do Parque da Montanha de Pedra. Foi a polícia do parque que a encontrou na manhã seguinte.

— Havia vestígios de pneus?

— Cerca de doze mil — respondeu Trent. — O parque acabara de fazer o espetáculo de luzes que costuma organizar pelo Natal.

Michael levava Gina e Tim a ver as luzes. Iam lá todos os anos.

— E ADN? — perguntou.

— Ele usou preservativo.

— Está bem — disse Michael. Portanto, ele não era um imbecil. — E o que tem isto a ver com a minha rapariga de ontem à noite?

Trent semicerrou os olhos, como se estivesse a pensar que Michael não ouvira uma palavra do que ele dissera.

— O pormenor das línguas — respondeu, recolhendo as pastas.

— Ele arrancou-lhes as línguas, a todas elas, à dentada.

Quando Michael Ormewood, detetive da Polícia de Atlanta, é chamado à cena de um homicídio num bairro social, depara-se com uma das mortes mais brutais de toda a sua carreira: o corpo de Aleesha Monroe jaz nas escadas de um prédio, numa poça formada pelo seu próprio sangue e horripelantemente mutilado.

Enquanto incidente isolado, este já seria um crime chocante. Mas quando se torna evidente que é apenas o mais recente de uma série de ataques violentos, o Georgia Bureau of Investigation é chamado a intervir — e Michael vê-se obrigado a trabalhar com o agente especial Will Trent, com quem antipatiza de imediato.

Vinte e quatro horas mais tarde, a violência a que Michael assiste todos os dias explode nas traseiras da sua própria casa. Percebe-se então que talvez o mistério da morte de Aleesha Monroe esteja indissolúvelmente ligado a um passado que se recusa a ficar esquecido...

«Karin Slaughter é uma das melhores autoras de thrillers da América.»

The Washington Post

«A estrutura e o ritmo de *Tríptico* são brilhantes, e a tensão é constante ao longo do livro. As táticas de choque de Karin Slaughter não dão um minuto de descanso ao leitor.»

The Times



Espreite o vídeo deste livro no ecrã de um telemóvel.



TOPSELLER
livros que se devoram

20|20 editora

Ficção / Policial

ISBN: 978-989-8626-28-8



9 789898 626288

www.topseller.com